

Haplogia no português do sul do Brasil: Porto Alegre

Elisa Battisti
UCS

Resumo: A análise de regra variável da haplogia (*Rio Grande do Sul*>*Rio Grande do Sul*) em dados do português do sul do Brasil, levantados de 24 entrevistas sociolinguísticas do *corpus* VARSUL, de informantes de Porto Alegre com Nível Superior de escolaridade, revelou um percentual de aplicação de 21%. A haplogia foi favorecida em sílabas com a mesma vogal, dentro da frase fonológica. O papel favorecedor das vogais-núcleo de sílabas contíguas deve-se à exigência de identidade máxima entre os segmentos para aplicação da haplogia, o que o princípio linguístico OCP expressa, não só para haplogia, mas para outros processos de sândi vocálico externo do português brasileiro.

Palavras-chave: Haplogia. Análise de regra variável. Português do sul do Brasil. OCP.

Abstract: The variable rule analysis of haplogy (*Rio Grande do Sul*>*Rio Grande do Sul*) in southern Brazilian Portuguese data from 24 VARSUL sociolinguistic interviews of informants with high degree of schooling revealed a percentage of 21% of rule application. Haplogy was favoured in syllables with identical vowels in the phonological phrase. The favouring role of identical vowels is due to the requirement of maximal identity among the segments for the application of the rule, a demand which OCP expresses, not only for haplogy, but also for other sandhi rules in Brazilian Portuguese.

Key words: Haplogy. Variable rule analysis. Southern Brazilian Portuguese. OCP.

1 Introdução

Haplogia é um processo de sândi que corresponde à omissão de alguns sons numa seqüência de articulações semelhantes (Crystal, 2000), como em *tragicômico*, em lugar de *trágico-cômico*. Nesse caso, de haplogia léxica ou vocabular, uma de duas sílabas

iguais contíguas é apagada na derivação ou composição (Câmara Jr., 1984). Na haplogogia sintática (*caldo de cana* > *cal de cana*), objeto deste estudo, o apagamento afeta uma de duas sílabas iguais contíguas na frase. Silveira (1971), um dos primeiros autores que registram esse processo variável do português brasileiro, assim a define:

"No terreno da fonética sintática o fato é, na essência, o mesmo: a sílaba final de um vocábulo (ou mesmo um monossílabo) se encontra com um monossílabo ou sílaba seguinte, foneticamente igual ou semelhante ao monossílabo (ou sílaba) anterior, e um desses elementos (sílabas ou monossílabos) desaparece na pronúncia." (Silveira 1971, p. 79)

Além de Silveira (1971), abordam haplogogia Alkmin e Gomes (1982), que propõem regras segmentais; Perini (1984), que relaciona o processo à velocidade da fala e ao *status* informacional da seqüência envolvida; Tenani (2002), que verifica a sensibilidade do processo à estrutura prosódica. Nesses estudos, utilizam-se dados experimentais, diferentemente do que aqui será feito, em que dados oriundos da fala em situação de entrevista sociolinguística serão empregados. O propósito do presente estudo é – seguindo-se a metodologia de análise de regra variável (Labov, 1972) e utilizando-se vinte e quatro entrevistas sociolinguísticas do Banco de Dados VARSUL, de informantes de Porto Alegre com nível Superior de escolaridade – (a) verificar o condicionamento de variáveis linguísticas e extralinguísticas sobre o processo de haplogogia na fala do Sul do Brasil; (b) discutir resultados da análise quantitativa, com base em princípios fonológicos que dêem conta da natureza e da motivação da haplogogia, das características que o processo tem em comum com outros processos de sândi externo, principalmente o de degeminação.

Dos estudos acima referidos, revisaremos os de Alkmin e Gomes (1982) e Tenani (2002), para que se compreenda o recorte que se deu ao trabalho e se fundamentem as hipóteses correspondentes às variáveis controladas na análise.

2 Revisão de literatura

2.1 Haplogogia e contexto segmental

O contexto de haplogogia em limite de palavra estudado por Alkmin e Gomes (1982) é sílaba CV seguida de sílaba C(C)V (*faculdade de Letras, cidade da China, quanto trabalho*). O objetivo das

autoras é propor uma regra para dar conta da haplogogia, e o fazem nos moldes da fonologia gerativa clássica. Segundo as autoras, a regra é aparentemente geral, exceto em estilos muito cuidadosos (*largo*) ou em situação de realce (contraste). Não consideram haplogogia a supressão que ocorre em seqüências como *sabe beijar* > *sabeijar*, em que há, conforme as autoras, apenas o apagamento da vogal, e as consoantes (idênticas) em contato continuam sendo pronunciadas distintamente.¹ Assim, para as autoras a regra de haplogogia afeta apenas sílabas com /t/ e /d/ subjacentes. Além disso, vogal-núcleo da primeira sílaba com traço [+alto] é também restrição de ambiente. A regra que formulam é a que segue:

$$\begin{array}{c}
 \begin{array}{|l|} \hline C \\ \hline +cor. \\ -cont. \\ -nasal \\ \hline 1 \\ \hline \end{array}
 \begin{array}{|l|} \hline V \\ \hline +alto \\ -acento \\ \hline 2 \\ \hline \end{array}
 \quad \#\# \quad
 \begin{array}{|l|} \hline C \\ \hline +cor. \\ -cont. \\ -nasal \\ \hline 3 \\ \hline \end{array}
 \begin{array}{|l|} \hline C \\ \hline +soa. \\ -cont. \\ -nasal \\ \hline 4 \\ \hline \end{array}
 \begin{array}{|l|} \hline V \\ \hline [-ac.] \\ \hline 5 \\ \hline \end{array}
 \end{array}$$

ϕϕ##3(4)5

(Alkmin e Gomes 1982, p.51)

A leitura da regra é a seguinte: "a supressão de sílaba irá ocorrer com as dentais, exceto a nasal, quando as sílabas envolvidas no processo forem ambas átonas e a primeira vogal tiver o traço [+alto]" (Alkmin e Gomes 1982, p. 51).

Sobre essa regra e análise das autoras, Tenani (2002) levanta algumas questões, primeiramente em relação ao contexto segmental favorecedor do processo. Os resultados do experimento que realizou, considerando contextos semelhantes aos de Alkmin e Gomes (1982), revelaram que a haplogogia não ocorre quando a seqüência for /ti+di/, mas ocorre se for /di+ti/; se for idêntica, quer /di+di/, quer /ti+ti/, o processo se aplica com maior frequência. Ou seja, interessa não só a qualidade dos segmentos envolvidos, mas também a ordem em que aparecem na seqüência. Outra questão levantada diz respeito ao contexto prosódico envolvido e será revisada na seção seguinte, após tratar do trabalho de Frota (1998) sobre o português europeu, cujo experimento Tenani (2002) reproduz com dados do português brasileiro.

¹ Alkmin e Gomes (1982) também excluem do quadro de haplogogia realizações com *pode* mais infinitivo (*pode deixar* > *podeixar*), por elas entendidas como supressão restrita a certos itens lexicais (*pode*, nesse caso).

2.2 Contexto prosódico

Frota (1998) observa que, apesar de a haplologia já ter sido descrita como um fenômeno frasal, inexistente na literatura discussão sobre as condições que possam favorecer ou desfavorecer o apagamento vocálico e a degeminação consonantal implicados no processo. Apesar de seu estudo objetivar primeiramente a identificação e a definição da estrutura prosódica do português europeu, acaba por esclarecer também algumas dessas condições relativas à ocorrência variável de haplologia, especificamente as de natureza prosódica.

A autora valeu-se de um experimento planejado para testar as previsões relativas às frases fonológica e entonacional, feitas pelos algoritmos de formação de frase propostos por Nespor e Vogel (1986).²

O *corpus* foi composto de sentenças nas quais a posição de fronteiras hipotéticas de frases fonológicas e frases entonacionais variava sistematicamente, bem como o *locus* potencial de sândi em relação à posição da fronteira. Também foi controlada a extensão dos constituintes e a posição dos acentos de palavra e de frase, de acordo com a hipótese de que o acento frasal fosse final. Cinco informantes leram as sessenta e quatro sentenças, e a gravação desse material foi submetida a programas de análise acústica.

Os resultados do experimento de Frota (1998) apontaram a sensibilidade dos processos de sândi à estrutura de constituintes prosódicos no português europeu. A haplologia, em específico, pode aplicar-se através de palavras pertencentes à mesma frase entonacional, embora a tendência seja mais forte no nível mais baixo da hierarquia, ou seja, entre palavras dentro da frase fonológica. Assim, é possível haver haplologia na sentença (a), abaixo, mas não na (b), ambas do *corpus* de Frota (1998, p. 72):

- (a) [[O campo]φ [podia estender-se]φ [até ao ribeiro]φ]I
(b) [[O campo]I [poluído mas recuperável]I]I [foi uma boa aquisição]I]I

Com base nos resultados de seu experimento, a autora acredita que, para o português europeu, o domínio relevante dos processos de apagamento envolvidos na haplologia seja a frase entonacional.

Tenani (2002) realizou o mesmo tipo de análise que o de Frota (1998) com o objetivo específico de verificar a sensibilidade da haplologia à estrutura prosódica, mas com dados do português brasileiro, também obtidos a partir da leitura de um conjunto de sentenças. Tenani (2002) controlou o acento das sílabas em questão, entre frases fonológicas, o que revelou ser a haplologia bloqueada apenas

² Ver apresentação e discussão desses algoritmos no artigo *Ressilabação da lateral pós-vocálica final e sua limitação prosódica*, de Collischonn e Costa, neste volume.

quando a primeira sílaba da seqüência for acentuada (*Didi ditou*); se as duas forem átonas (*autoridade ditou*), ou se a segunda for tônica e a primeira, átona (*autoridade dita*), o processo pode ocorrer. Outro resultado relevante do experimento da autora: controladas as fronteiras prosódicas entre frases fonológicas, frases entonacionais e enunciados, a haplologia se aplica entre todas elas. Ou seja, diferentemente dos resultados de Frota (1998) para o português europeu, a fronteira de frase entonacional não bloqueia a haplologia, o que permite à autora afirmar que a haplologia não possui um domínio de aplicação no português brasileiro, embora reconheça a tendência de o processo ocorrer dentro da frase fonológica.

Um resultado de Tenani (2002) que possivelmente seja significativo controlar é o que diz respeito às fronteiras de frases fonológicas: controlando o processo entre frases fonológicas, verificou que as taxas de haplologia são menores quando a primeira frase é ramificada ([*O Sebastião José Ferreira de Andrade*] φ [*diminuiu*] o trabalho nesse mês). Também, a variação na aplicação da haplologia está relacionada ao tipo de fronteira prosódica, uma vez que entre fronteiras de domínios prosódicos mais altos, o processo tende a ocorrer com menor freqüência.

Uma importante constatação de Tenani (2002) é relativa à velocidade da fala. A autora verificou que o estilo *alegretto*, característico à fala rápida e coloquial, não é o fator que explica a variação na ocorrência da haplologia, e sim a estrutura dos constituintes prosódicos e a possibilidade de reestruturação que neles pode acontecer. Isso sugere que não seja necessário controlar a velocidade da fala em nosso estudo, preocupação que se poderia ter em função do tipo de dados de que nos utilizamos.

3 Hipóteses e variáveis

A revisão realizada sugere que, dentre as variáveis lingüísticas, se controlem variáveis referentes tanto ao contexto segmental quanto ao contexto prosódico. As variáveis extralingüísticas controladas correspondem a características de composição da amostra do VARSUL.

A concepção de haplologia de Alkmin e Gomes (1982, ver seção 2.1) está na base da definição da variável dependente deste estudo, a haplologia sintática em seqüências com /t/ e /d/ subjacentes.³ As sílabas envolvidas são ambas átonas ou, conforme a possibilidade constatada por Tenani (2002), a primeira, átona, a segunda, tônica.

³ Embora menos freqüentemente, a haplologia pode se verificar também entre sílabas com outros tipos de consoante, como *compra pra mim* > *com pra mim*.

3.1 Variáveis lingüísticas

3.1.1 Tonicidade das sílabas

Acredita-se que o contexto átono seja o ambiente de haploglia por excelência e que, entre uma seqüência de duas sílabas átonas e outra seqüência de sílaba átona e sílaba tônica, a primeira seqüência favoreça mais a haploglia que a segunda.⁴ Por isso, na variável *Tonicidade das sílabas*, controlam-se os fatores:

As duas sílabas são átonas: *muito diferente*
Só a primeira sílaba é átona: *muito tempo*

3.1.2 Qualidade das vogais

Como a própria descrição de haploglia anuncia, a semelhança articulatória dos segmentos nas sílabas envolvidas é o que a desencadeia. No que se refere às vogais em núcleo silábico, isso pode significar que vogais iguais contribuam mais pesadamente que vogais diferentes para a ocorrência de haploglia. Assim, na variável *Qualidade das vogais* controlam-se os fatores:

Sílabas com mesma V: *vontade de conhecer*
Sílabas com diferente V: *jeito de ser*

3.1.3 Vozeamento das consoantes de ataque

Restritos os dados a sílabas com /t/ e /d/, a diferença entre as consoantes está no seu vozeamento. Pensa-se que consoantes de igual vozeamento condicionem mais fortemente a regra variável de haploglia que consoantes de diferente vozeamento, o que leva a controlar os fatores:

Consoantes desvozeadas em ambas as sílabas: *leite todo, muito tempo*
Consoantes vozeadas em ambas as sílabas: *vontade de conhecer, metade do bolo*
Consoantes de diferente vozeamento: *monte de coisa, vida toda*

3.1.4 Posição em relação à frase fonológica

Se a haploglia é menos freqüente entre fronteiras de domínios prosódicos mais altos que a frase fonológica, acredita-se que ocorra com maior freqüência entre frases fonológicas e maiormente dentro da frase fonológica. A hipótese é a de que a posição interna à frase fonológica favoreça mais a haploglia que a posição entre frases. Os fatores controlados são, então:

Dentro da frase fonológica: *conhecer o mundo todo*
Entre frases fonológicas: *eu gosto muito de falar*

⁴ Exclui-se da análise a seqüência de sílaba tônica e sílaba átona (*patê de fígado, bidê de porcelana*) com base em um exame preliminar dos dados, que mostrou a não-ocorrência de haploglia nesse contexto, o que Tenani (2002, ver seção 1.2) já havia verificado em seu estudo.

3.2 Variáveis extralingüísticas

No estudo de haploglia, a variável dependente não é emblema de um grupo social a que se atribua valor, e passa relativamente despercebida dos usuários⁵. Isso significa que, no desencaamento do processo, é de se esperar o predomínio do condicionamento interno. Busca-se confirmar ou negar essa expectativa verificando o papel de Sexo e Idade, não só porque variáveis externas ou sociais são tradicionalmente controladas nas análises variacionistas voltadas à estrutura,⁶ mas também porque categorizam os informantes do Varsul selecionados como os representantes da comunidade de fala de Porto Alegre neste estudo.

3.2.1 Sexo

Os informantes têm nível superior de escolaridade e, mesmo no estilo coloquial que caracteriza a entrevista sociolingüística, espera-se que sua fala seja bastante aproximada do padrão. Acredita-se que, nesse quadro, haploglia represente um distanciamento do padrão. Se for verificado através da análise que a variável Sexo desempenha papel frente à haploglia, espera-se que seja possivelmente mais evitada por mulheres que por homens, dada a orientação maior das mulheres às formas prestigiadas (Labov 1990, apud Cheshire 2002) – nesse caso, aquelas do padrão –, quando comparadas aos homens de um mesmo estrato social. Os fatores controlados são:

Feminino
Masculino

⁵ Embora neste estudo não se tenha clareza de a haploglia constituir mudança lingüística em progresso, a regra variável apresenta características comuns ao que Labov (1994, p.78) denomina *changes from below*, literalmente 'mudanças de baixo' (do nível da consciência): "mudanças sistemáticas que aparecem primeiramente no vernáculo e representam a operação de fatores lingüísticos, internos. No início, e na maior parte de seu desenvolvimento, situam-se completamente abaixo do nível da consciência social. [...] Somente quando a mudança está quase se completando é que os membros da comunidade se tornam cientes delas. *Changes from below* podem ser introduzidas por qualquer classe social...".

⁶ No estudo da variação lingüística, Eckert (2000, p.3) distingue duas teorias: a *variação como estrutura*, de Labov (1972), e *variação como prática social*, que a autora propõe. Para a primeira teoria, laboviana, seguida no presente estudo, as categorias sociais são propostas pelo lingüista; para a segunda, de Eckert (2000), as categorias sociais são constituídas pelos falantes. Para uma reflexão metalingüística do modelo sociolingüístico laboviano, ver Figueroa (1994).

3.2.2 Idade

Mais que confirmar ou negar uma hipótese, espera-se verificar se Idade possui papel frente à haplogogia. Os fatores considerados na análise são:

- 25 a 49 anos
- 50 a 69 anos
- 70 ou mais anos

O Quadro 1, abaixo, agrupa variáveis e fatores e traz os símbolos empregados na codificação dos dados:

Quadro 1

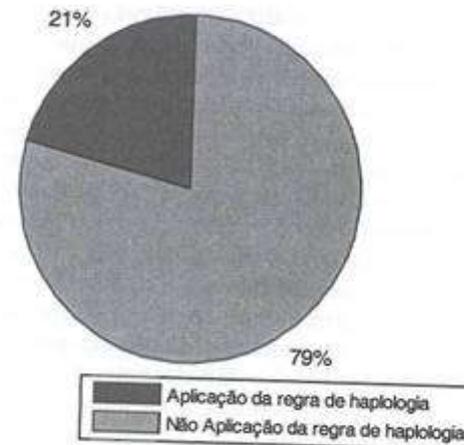
Resumo das variáveis consideradas na análise
(com os símbolos usados na codificação dos respectivos fatores)

Variáveis extralingüísticas	Variáveis lingüísticas
(1) Sexo Feminino: M Masculino: H	(3) Tonicidade das sílabas As duas sílabas são átonas: A <i>muito diferente</i> Só a primeira sílaba é átona: P <i>muito tempo</i>
(2) Idade 25 a 49 anos: 2 50 a 69 anos: 5 70 ou mais anos: 7	(4) Qualidade das vogais Sílabas com mesma V: I <i>vontade de conhecer</i> Sílabas com diferente V: D <i>jeito de ser</i>
	(5) Sonoridade das consoantes de ataque Consoantes surdas em ambas as sílabas: U <i>leite todo, muito tempo</i> Consoantes sonoras em ambas as sílabas: O <i>metade do bolo</i> Consoantes de diferente sonoridade: T <i>Monte de coisa, vida toda</i>
	(6) Posição em relação à frase fonológica Dentro da frase fonológica: F <i>conhecer o mundo todo</i> Entre frases fonológicas: E <i>eu gosto muito de falar</i>

4 Resultados da análise quantitativa

Submetidos os dados ao pacote de programas Varbrul 2S, verificou-se um percentual de aplicação da regra de haplogogia de 21%, ou seja, em 284 dos 1.341 contextos levantados:

Gráfico 1
Frequência Global: Haplogogia



Os exemplos em (1), (2) e (3), abaixo, são ocorrências do *corpus* analisado em que houve aplicação da regra variável de haplogogia:

- (1)
Vontade de conhecer > vonta de conhecer
Qualidade de vida > qualida de vida
Monte de gente > mon de gente
Acidente de trânsito > aciden de trânsito
- (2)
Resto do ano > res do ano
Fundo do poço > fun do poço
Desconhecimento total > desconhecimen total
Dentro do consultório > den do consultório
- (3)
Completamente diferente > completamen diferente
Mercado de trabalho > merca de trabalho
Universidade do México > Universida do México

A aplicação da regra foi favorecida em sílabas com a mesma vogal, dentro da frase fonológica. Em todos os exemplos acima, a seqüência de sílabas candidatas à haplogogia está dentro da frase

fonológica. Em (1) e (2), as vogais-núcleo (subjacentes) das sílabas envolvidas são idênticas, as consoantes podem diferir em sonoridade; em (3), vogais-núcleo subjacentes não são idênticas, e as consoantes diferem em sonoridade. Isso mostra claramente que o material fonológico que se realiza no *output* é o da sílaba da direita.

Foram realizadas oito rodadas para que se obtivessem resultados estatisticamente relevantes. Uma após outra, as rodadas tiveram apenas duas variáveis selecionadas, ambas lingüísticas, uma referente ao contexto prosódico, outra, ao segmental. Um dos refinamentos da análise para confirmar essa seleção foi a amalgamação de fatores da variável *Vozeamento das consoantes de ataque*, que passou a opor os fatores *Consoantes de igual vozeamento* a *Consoantes de diferente vozeamento*. Mesmo assim, o programa selecionou apenas as variáveis *Qualidade das vogais* e *Posição em relação à frase fonológica*, nessa ordem. Confirmando a expectativa (ver seção 3.2, acima), verificou-se então que as variáveis sociais controladas, Sexo e Idade, não desempenham papel frente à haplogia, ou seja, que o condicionamento da regra variável é interno. Na seção que segue, serão apresentados apenas os resultados das variáveis selecionadas.

4.1 Resultados

4.1.1 Qualidade das vogais

A variável *Qualidade das vogais*, primeira selecionada pelo programa, corresponde a contexto segmental de aplicação da regra de haplogia. Dois fatores foram controlados, *Sílabas com mesma V*, *Sílabas com diferente V*. Os resultados estão na Tabela 1:

Tabela 1
Qualidade das vogais

	<i>Apl./Total</i>	%	<i>Peso Relativo</i>
Sílabas com mesma V (<i>vontade de conhecer</i>)	98/353	28%	0,59
Sílabas com diferente V (<i>jeito de ser</i>)	186/988	19%	0,47
TOTAL	284/1.341	21%	

Input 0,21

Significância 0,045

Os pesos relativos obtidos mostram que sílabas com mesma vogal condicionam favoravelmente a regra variável de haplogia (0,59), enquanto sílabas com diferente vogal desempenham papel neutro (0,47).

Uma inspeção nos dados mostra que 73,47% das seqüências de vogais idênticas em que houve haplogia são de /e+e/ (*monte de coisa*) subjacentes, 23,47% são de /o+o/ (*resto do ano*) subjacentes, 3,06% de /a+a/ (*coitada da guria*). Isso decorre dos contextos considerados na análise (duas sílabas com /t/, /d/ em seqüência na frase), que envolveram predominantemente a preposição *de* (*de, do, da*), tendo sido *de* a forma mais freqüentemente empregada nos contextos de mesma vogal.

Assim, tanto os resultados da análise quantitativa quanto a reinspeção dos dados considerados permitem sustentar a idéia de que, mais que a qualidade da vogal, o aspecto fundamental envolvendo vogais no que tange à haplogia é a similaridade das sílabas em seqüência, para o que sílabas com mesma vogal contribuem.

4.1.2 Posição em relação à frase fonológica

Entre frases fonológicas e Dentro da frase fonológica foram os fatores controlados na variável *Posição em relação à frase fonológica*, correspondente a contexto prosódico de aplicação da regra de haplogia. Os resultados da segunda variável selecionada pelo programa estão na Tabela 2:

Tabela 2
Posição em relação à frase fonológica

	<i>Apl./Total</i>	%	<i>Peso Relativo</i>
Dentro da frase fonológica (<i>conhecer o mundo todo</i>)	197/836	24%	0,53
Entre frases fonológicas (<i>eu gosto muito de falar</i>)	87/505	17%	0,45
TOTAL	284/1.341	21%	

Input 0,21

Significância 0,001

Embora o peso relativo mais alto (0,53) do fator *Dentro da frase fonológica* esteja próximo do ponto neutro, a distância do valor obtido (0,45) para o fator *Entre frases fonológicas*, abaixo do ponto neutro, permite-nos interpretar o primeiro como favorecedor da haplologia, e o segundo, desfavorecedor.⁷ Assim, mesmo em se tratando de dados de *corpora* distintos (ver seção 2.2, acima), esses resultados confirmam o que Tenani (2002) concluiu sobre o português brasileiro, o fato de a fronteira de frase fonológica não bloquear haplologia, e também o que Frota (1998) verificou no português europeu, a tendência de a haplologia aplicar-se mais fortemente dentro da frase fonológica, embora o domínio relevante para a aplicação de haplologia seja a frase entonacional.

Juntamente com os resultados da outra variável selecionada, pode-se conceber a haplologia na fala de porto-alegrenses de nível superior de escolaridade como processo variável desencadeado predominantemente por uma seqüência de mesmas vogais subjacentes dentro de frase fonológica. Neste ponto do trabalho, cabe perguntar: como se deve interpretar esses resultados? Se haplologia é um dos processos de sândi do português, que relação há entre ela e os demais processos? Que princípios regem a haplologia? De que forma os resultados obtidos na análise quantitativa contribuem para a compreensão do fenômeno? É o que se discutirá, brevemente, na seção que segue.

5 Discussão dos resultados

Em trabalho anterior,⁸ constatou-se a possibilidade de tomar OCP⁹ como a restrição que demanda haplologia, e concebeu-se o processo como apagamento, não coalescência.¹⁰ Essas são respostas às questões propostas acima, a que se chegou partindo-se da revisão de estudos de Bisol sobre o sândi vocálico externo no português brasileiro.

⁷ Dos 284 contextos em que houve haplologia, 69,5% ocorreram dentro da frase fonológica, 30,5% ocorreram entre frases fonológicas.

⁸ Battisti, 2004.

⁹ *Obligatory Contour Principle* (Princípio do Contorno Obrigatório). Proposto inicialmente por Leben (1973) e Goldsmith (1976) em referência a processos tonais, o OCP passou mais tarde (McCarthy, 1986; Odden, 1988; Yip, 1988) a dar conta também de fenômenos segmentais. A definição (autossegmental) de McCarthy (1986, p. 208) é a seguinte: *At the melodic level, adjacent identical elements are prohibited.*

¹⁰ Crystal (2000, p.49) define coalescência como "a união de unidades linguísticas que antes podiam ser distinguidas", apontando fusão e *merger* como termos análogos. Tanto coalescência quanto apagamento podem originar haplologia. Diferenças entre uma e outra concepção podem ser vistas detalhadamente em De Lacy (1999).

Ditongação (*carro aberto* > *carrwabertu*), elisão (*camisa usada* > *camisusada*) e degeminação (*camisa azul* > *camisazul*) são processos de sândi vocálico externo passíveis de ocorrer no nível da frase. Os três processos são abordados em Bisol (1996); em Bisol (2002, 2003), elisão e degeminação. Embora os tenha elaborado com objetivos diferentes, em todos esses trabalhos a autora aponta o choque de duas rimas como o desencadeador do sândi vocálico externo e a ressilabação, ativada por um princípio lingüístico¹¹, o que dirige todo o processo.

Na haplologia, o choque de rimas não é o gatilho da regra, uma vez que a seqüência envolvida é de duas sílabas CV. O que há em comum entre a haplologia e os processos de sândi vocálico externo é o fato de que, especificamente no que se refere à elisão e degeminação, perde-se uma sílaba, em contexto predominantemente átono. A estrutura apagada é a da sílaba à esquerda, como é na haplologia. Na proposta de Bisol para o sândi vocálico, o apagamento da estrutura silábica tem conseqüências distintas em cada processo: no contexto de elisão, a vogal flutuante (não-licenciada) é apagada; no contexto de degeminação, a vogal flutuante é reassociada à vogal da sílaba subsistente, mas as duas vogais têm apenas uma representação no nível melódico em função do OCP, que proíbe a seqüência de vogais idênticas. A vogal longa resultante é posteriormente reduzida (ver representação no artigo de Brescancini, neste volume).

O OCP tem papel na degeminação e, como Bisol (1996, p. 167) refere, versões anteriores de seu estudo apresentavam OCP, e não choque silábico, como o princípio desencadeador do processo. Portanto, considerando-se outros processos de sândi externo como o vocálico, poder-se-ia admitir que OCP tivesse papel frente à haplologia.

A versão do OCP envolvida seria OCP-generalizado,¹² não o OCP tradicional. De Lacy (1999) denomina OCP-generalizado a restrição que diretamente bane seqüências idênticas de segmentos adjacentes, extensão do princípio de Leben (1973) e McCarthy (1986), o 'OCP tradicional'. O OCP tradicional requer uma relação de não-identidade entre *entidades* (elementos individuais) adjacentes; o OCP generalizado, entre *conjuntos de elementos*. Isso implicaria desconsiderar as críticas de De Lacy (1999) a OCP, por

¹¹ O Princípio de Licenciamento Prosódico, de Itó (1986), que requer que todas as unidades fonológicas sejam licenciadas prosodicamente.

¹² Essa parece ser a versão de OCP seguida em Bisol (1996).

esse autor visto (a) como uma restrição com papel duplo, o de militar contra identidade de elementos em seqüência e também o de requerer minimização de estrutura; (b) como uma restrição que estabelece uma relação de segunda ordem (entre seqüências, não entre elementos), permitindo apagamento. No entanto, assumindo-se OCP como a restrição de marcação, estar-se-ia evitando conceber a existência na gramática de uma restrição que preferisse a realização de nenhuma estrutura a qualquer estrutura, como na proposta de De Lacy (1999).

Assim, da revisão de Bisol (1996, 2002, 2003) e do trabalho de De Lacy (1999), e apesar das críticas desse último ao OCP generalizado, pode-se tomá-lo como a restrição que demanda não-realização de estrutura no contexto de identidade de elementos em seqüência, ambiente de haplogogia. Isso significa assumir que, embora se tenha selecionado na análise de regra variável apenas seqüências com /t/ e /d/ subjacentes, outras sílabas contíguas com segmentos (idênticos ou parcialmente idênticos) possam igualmente ser afetadas por haplogogia.

6 Considerações finais

Os resultados do estudo realizado confirmam expectativa inicial: haplogogia é regra variável de condicionamento interno, abaixo do nível da consciência, o que parece não ser peculiar apenas ao *corpus* analisado, mas generalizável ao português brasileiro como um todo. Na análise, em que se consideraram dados de fala de porto-alegrenses com nível superior de escolaridade, a frequência global de aplicação da regra não é alta (21%). O papel favorecedor de seqüências de sílabas com mesma vogal deve-se à exigência de identidade máxima entre os segmentos para aplicação da haplogogia, o que o princípio lingüístico OCP expressa, não só para haplogogia, mas para outros processos de sândi vocálico externo do português brasileiro. A aplicação da regra também foi favorecida dentro da frase fonológica, o que confirma tendência verificada em estudos anteriores sobre o português europeu e o brasileiro, mas com dados de experimentos planejados. Uma discussão de princípios lingüísticos associados à haplogogia e que referissem o constituinte prosódico Frase Fonológica não foi realizada, o que constitui perspectiva de estudo futuro.

Referências

- ALKMIN, M. G. R.; GOMES, C. A. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. In: VEADO, R. M. A.; ALVARENGA, D. (orgs.). *Ensaio de lingüística – Cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Faculdade de Letras da UFMG. n. 7, p. 43-70, 1982.
- BATTISTI, E.. Haplogogia sintática e efeitos de economia. *Organon* 36, v. 18. 2004.
- BISOL, L. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 31, n. 2, p. 159-168, junho de 1996.
- . A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- . Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus* 15, p. 177-200, 2003.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CHESHIRE, Jenny. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- De LACY, Paul. Morphological haplogogia and correspondence. In: De LACY, Paul; NOWAK, Anita (eds.), *University of Massachusetts Occasional Papers: Papers from the 25th Reunion*. Amherst, MA: GLSA, 1999. (ROA 289).
- ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
- FIGUEROA, Esther. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Elsevier Science, 1994.
- FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Lisboa, 1998.
- GOLDSMITH, John A. *Autosegmental Phonology*. MIT, Massachusetts: Ph.D. Dissertation, 1976.
- ITÔ, Junko. *Syllable theory in prosodic phonology*. MIT, Amherst: Ph.D. Dissertation, 1986.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change – internal factors*. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1994.
- LEBEN, W. *Suprasegmental Phonology*. MIT: Ph.D. Dissertation, 1973.
- McCARTHY, John J. OCP effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry* 17, v. 2. p. 207-263, 1986.

ODDEN, David. Anti-antigemination and the OCP. *Linguistic Inquiry* 19, p. 451-475, 1988.

PERINI, M. Nota sobre o uso das velocidades de enunciação na descrição de fenômenos fonológicos. *Ensaio de lingüística – Cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Faculdade de Letras da UFMG. n. 11, p. 5-13, 1984.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Holland: Foris Publications, 1986.

SILVEIRA, S. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, 2002.

YIP, Moira. The Obligatory Contour Principle and Phonological Rules: A Loss of Identity. *Linguistic Inquiry* 19, p. 65-100, 1988.